

INTERSEÇÕES ENTRE SOCIOLOGIA E HISTÓRIA ORAL: AS CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS

Intersections Between Sociology and Oral History: The Contributions of Norbert Elias

Paulo César Limongi Lima Filho

Doutor em Sociologia pelo IESP-UERJ, mestre em Sociologia pela mesma instituição, é bacharel em Relações Internacionais pela UFRRJ e licenciado em Ciências Sociais pela UFRRJ.

Resumo

No que se refere a abordagens interdisciplinares na área das ciências humanas, a sociologia e a história, quando combinadas, possuem grandes contribuições. Em livros basilares como *O Processo Civilizador*, encontramos uma grande variedade de interpretações sociológicas feitas graças a estudos de documentos e a historiografias da época medieval. Porém, a historiografia baseada em documentos não é a única possibilidade para pesquisas empíricas. A história oral também oferece perspectivas que são úteis para as ciências humanas. Neste artigo, temos como objetivo demonstrar como a teoria de Norbert Elias pode contribuir para uma pesquisa de história de vida que é um segmento de história oral. Para isso, dividimos este artigo em três partes: (a) uma seção para discutir o conceito de história oral e história de vida; (b) uma seção para explorar os conceitos de Norbert Elias; e (c) uma seção para identificar quais conceitos podem ser trabalhados e como.

Palavras-chave: metodologia; sociologia e história de vida; teorias sobre indivíduo

Abstract

Regarding interdisciplinary approaches in the area of human sciences, sociology and history, when combined, have great contributions. In books such as *The Civilizing Process*, we find a variety of sociological interpretations made thanks to studies of documents and the historiographies of medieval times. However, the document history is not the only possibility for empirical research. Oral history also offers diverse perspectives that are useful for the humanities. In this article, we aim to demonstrate how the theory of Norbert Elias can contribute to a research of the history of life which, in turn, is a segment of oral history. To do this, we divided this article into three parts: (a) a section to discuss the concept of oral history and history of life; (b) a section to explore the concepts of Norbert Elias; and (c) a section to identify which concepts can be worked out and how.

Keywords: methodology; sociology and life history; theories about the individual

Introdução

A Sociologia e a História, enquanto disciplinas, possuem uma grande contribuição mútua. Vejamos, por exemplo, os escritos de Hobsbawm (1917-2012) que se apoiam nos conceitos de classe, crise de superprodução, entre outros da Sociologia Marxista; no caminho contrário, outro exemplo, temos a sociologia de Charles Tilly (1929-2008) a qual faz uso de grandes regressões históricas para compreender o Estado atual, os movimentos sociais e formas gerais de contestação. Portanto, há grandes contribuições, quando se relacionam e pensam determinado objeto em conjunto. Deste mesmo modo, para além da história documentada, a história oral também tem um papel fundamental dentro das ciências humanas em geral, não apenas para a Sociologia. Por último, podemos lembrar dos trabalhos de Max Weber sobre religião, no qual o autor, por meio de uma abordagem histórica, reconstrói a trajetória das diversas religiões modernas.

Neste sentido, é válido ressaltar que o documento não é a única fonte possível para realização de pesquisas. Apesar de preconceitos acerca da fonte oral, segundo Carr, em seu texto *O que é história?* (1996), o documento não pode ser compreendido como um espelho fiel dos fatos passados¹; mas, isso sim, uma seleção de acontecimentos que o indivíduo que o produziu escolheu fazer. Assim, mesmo o mais fiel dos documentos não retrataria exatamente os fatos ocorridos. A história oral se aproxima da história documentada neste quesito. Isso porque a fonte oral e a memória do sujeito social são produzidas, por meio de uma seleção de fatos. Todavia, como veremos com o conceito de autoimagem, até mesmo a seleção que o sujeito decide fazer é ligada a suas relações sociais e pode ser investigada em uma pesquisa.

Veremos que o método escolhido nesta pesquisa é recorrente no Brasil, mas não há um consenso no que tange a sua utilização. Portanto, busca-se adotar uma maneira específica de como fazer uma história de vida, associando-a a uma teoria específica. Para isso, escolhemos um tipo específico de teoria social que utiliza o método biográfico. Uma das maiores contribuições, neste sentido, é Mozart: a sociologia de um gênio, de Norbert Elias (1995). É importante salientar que a escolha de Elias foi uma questão tanto de afinidade com tal autor e suas obras, quanto pela sua grande contribuição para a sociologia em geral. Vale frisar que as interseções com a discussão sobre o método de história de vida podem ser feitas com outros autores da Sociologia, desde que tenham em mente algumas definições e pressupostos do método em si².

1 Em relação a isso, Carr diz que os pesquisadores que pensam no documento como um espelho dos fatos passados cometem um “fetichismo do documento” (1996, 42).

2 Uma das mais importantes contribuições nesse sentido é da adaptação de algumas obras de Pierre Bourdieu ao método de trajetória de vida feita por Miguel Montagner (2007).

História de vida e outros métodos biográficos

Antes que possamos adentrar às contribuições da própria teoria social em voga, faremos uma busca sobre quais são os pensamentos existentes em relação ao método da história de vida, no sentido de suas definições e suas diferenças com outras metodologias biográficas tais como a autobiografia, por exemplo. Esta etapa é importante pois a forma como se define a história de vida acarreta consequências nas etapas posteriores da pesquisa como, por exemplo, a maneira com que elaboraremos o roteiro, como iremos realizar as entrevistas e, até mesmo, como vamos transcrevê-las.

Para começar, seguiremos a instrução de Danièle Voldman (1996) de que a história oral possui várias formas diferentes: história de vida, relatos de vida ou até mesmo coleções de arquivos. É principalmente com a invenção do gravador no fim do século XIX que se pode conceber formas mais objetivas de uma história oral e, com os arquivos orais, foi possível preservar a possibilidade de uso e reuso de tais gravações, protegendo-as da força do tempo ou do esquecimento. Um dos grandes questionamentos dos autores, no início da utilização das fontes orais, era que a subjetividade do sujeito entrevistado pudesse afetar a qualidade da fonte. Deste modo, ao lidar com a história de vida e outros arquivos orais, o cientista social deve ter um olhar atento para questões do contexto (sejam psicológicas ou sociológicas) (Voldman, 1996, p. 172). O fato é que pensar a fonte oral possui sua própria especificidade, principalmente no que se refere ao seu tratamento enquanto fonte de pesquisa (Levi, 1996, p. 174).

No Brasil, a história oral como metodologia nos moldes atuais aparece durante a década de 70 do século 20. Durante o ano de 1975, ocorreu o primeiro encontro sobre história oral do país e foram criados os primeiros programas de pós-graduação que tinham como proposta trabalhar exatamente com esses métodos – por exemplo, no Rio de Janeiro, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mesmo que durante o resto desta década, a história oral não tenha se popularizado como desejado; na década de 1980, graças à consolidação de tais instituições e novos impulsos que vieram por meio de obras como as de Paul Thompson – principalmente *The voice of the past* (Thompson, 2000)³ –, a história oral ganhou novamente um papel de destaque. Meihy enfatiza o fato de que uma década depois, em 1994, é criada a primeira associação brasileira de história oral. Além do CPDOC, temos revistas como as do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), de 1968, e grupos de estudo como o Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de

³ Um breve comentário sobre o método feito pelo autor pode ser encontrado em: <https://tristero.typepad.com/sounds/files/thompson.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2018.

São Paulo (USP), de 2001 (Meihy 2010). Fato é que o Brasil possui uma larga tradição no que se refere à história oral, com autores de grande importância, como José Carlos Meihy (2010), ou até mais antigos, como Maria Isaura Pereira de Queiroz – especialmente em sua obra *O messianismo no Brasil e no mundo* (Queiroz, 1965). Nesse sentido, outro autor que também se utilizou da metodologia foi Gilberto Freyre; contudo, o autor seguiu uma linha de atuação mais intuitiva.

Até aqui, tratamos um pouco da história do método e de sua especificidade, porém agora, vamos dividi-lo e focar um pouco mais na história de vida. Os métodos biográficos podem ser divididos em vários grupos diferentes: biografia, autobiografia e a história de vida (Santos *et al.*, 2014). A história de vida, porém, busca entender em primeiro plano o universo no qual o sujeito está inserido; em uma compreensão tanto da subjetividade, quanto do contexto social da qual é produto (*Ibidem*, p. 31). No mais, a história de vida busca, também, uma dimensão importante que é a escuta engajada, uma vez que a relação pesquisador-pesquisado permite um acesso maior do pesquisador ao mundo que cerca o pesquisado, suas relações sociais e as bases para seu comportamento. Portanto, podemos pensar a história de vida como um trabalho coletivo entre um narrador-sujeito e um pesquisador (Pereira, 2000, p. 118).

A partir dessa definição, é necessário frisar que a história de vida conta com várias vantagens enquanto método de pesquisa (Lewis, 2008, p. 561): a primeira delas é que ela oferece uma possibilidade de investigação detalhada no sentido etnográfico; uma segunda vantagem é uma possibilidade de lidar melhor com alguns problemas clássicos da sociologia⁴; uma terceira vantagem seria a possibilidade de dar voz a grupos que são geralmente silenciados, desafiando grandes narrativas sobre eventos e propondo novas chaves de entendimento.

Apesar desses benefícios, a história de vida conta com algumas diferenças no que tange à condução da pesquisa. Um dos exemplos disso são os debates em torno dos modos de condução das entrevistas. Alguns acreditam que não devem ocorrer interrupções, uma vez que isso atrapalha o processo de memorização (Silva *et al.*, 2014; Rigotto, 1998); outros, contudo, creem que como o processo é feito em conjunto, há sempre maiores possibilidades de interferência por parte do pesquisador, principalmente no que se refere à necessidade de se realizar perguntas mais incisivas que busquem complementar o assunto abordado (Rouverol, 2000)⁵. Já sobre a forma de organizar a trajetória individual, existe

4 Um desses problemas é o da estrutura-agência. A história de vida possibilita ter mais acesso as formas de ação individual e seus limites. Assim, além de ter acesso ao campo de possibilidades do indivíduo, é possível ver quais decisões foram tomadas e de que modo.

5 O caso estudado por Rouverol sobre o fechamento da fábrica em que trabalhava Linda Lord é um dos mais emblemáticos no sentido de realizar uma história de vida concisa e que esclareça as estruturas de poder como a de gênero, por exemplo.

uma dissensão sobre a temporalidade. Em outras palavras, alguns autores acreditam que possa ser possível criar história de vida que seja capaz de traçar uma história linear (Rigotto, 1998) e outros que a veem como uma espécie de ilusão, uma impossibilidade (Montagner, 2007; Guérios, 2011).

Portanto, é necessário falar em histórias de vida no plural, com múltiplas maneiras de se fazer (Thompson, 2000). Isto não faz o método inválido, uma vez que seu maior fundamento é compreender a interação entre indivíduo e as diversas redes de relações sociais no qual este último está inscrito. Contudo, para aprofundar mais esse princípio, buscamos uma teoria sociológica que nos dê essa possibilidade.

Teoria sociológica aplicada à história de vida: obra e vida de Norbert Elias

A primeira seção deste texto ocupou-se da definição de história de vida e de uma breve reconstituição histórica do método. Porém, vimos como existem inúmeros conceitos e maneiras de se realizar uma história de vida; assim, iremos alinhar nossa definição com uma teoria sociológica específica com o objetivo de torná-la mais próxima de uma utilização e reprodução.

Guérios (2011) mostra-nos que a obra de Elias pode ser fundamental para superar dilemas que os pesquisadores em história de vida enfrentam⁶, uma vez que o autor conserva a individualidade como parte fundamental do social, ou seja, ele compreende que o indivíduo está ligado, em sua essência, a estruturas sociais mais amplas. Portanto, apresentaremos alguns conceitos e textos que temos como fundamentais para análise de uma biografia à la Elias (cf. Garrigou, 2010)⁷. Antes disso, porém, é necessário mergulhar na história de Norbert Elias, de modo a destacar o impacto da mesma na elaboração de sua obra⁸.

6 Tal como o dilema colocado pela obra de Pierre Bourdieu, *l'illusion biographique* (1986), na qual o autor demonstra a impossibilidade de construir uma história de vida de forma linear.

7 Neste momento, é necessário justificar por que selecionamos obras como *A solidão dos moribundos* (Elias, 2001), mas não usamos a obra biográfica por excelência, que seria *Norbert Elias pour lui même*. O motivo é que a obra biográfica de Elias não é uma história de vida, nos moldes do método que buscamos. É sem dúvida um norte fundamental para uma introdução à vida e obra de Elias, mas não é necessariamente um fundamento de análise biográfica, assim optamos por dar mais foco a textos que podem nos fornecer base teóricas mais sólidas e que comentaram a biografia. Este não é o motivo por que não nos focamos tanto na obra *Esboço de autoanálise* de Pierre Bourdieu (2005). Mesmo que o autor tenha um método de trajetória de sua própria vida, buscamos obras em que ele tenta traçar a trajetória de terceiros que sirvam de parâmetro para as entrevistas nas quais estamos elaborando em nossa pesquisa.

8 Apenas a título de exemplo, quando lemos o primeiro volume de *O processo civilizador* (Elias, 2011), deparamo-nos com a intrigante diferença entre “*Civilisation*” e “*Kultur*”, nos casos francês e alemão. De primeira, essa diferença parece ser gratuita, no sentido de que não oferece perigo de um pesquisador apaixonado que desenvolve sua obra com movido pela sua subjetividade. Porém como nos faz lembrar Garrigou (2010), no

Garrigou (2010) dirige-nos diretamente àquilo que parece animar toda a obra de Norbert Elias: construir uma teoria sociológica capaz de compreender os processos sociais que a Alemanha atravessava à época. Portanto, nos mantém alerta de que

não se pode entender *a posteriori* o que se poderia chamar de fenomenologicamente o projeto criador do autor sem uma passagem pelo mundo universitário alemão da época, sem uma reflexão da sociologia nas suas relações com outras maneiras de ver e, finalmente, sem um exame do conjunto das referências eruditas, disponíveis e utilizadas nesse mundo (Garrigou, 2010, p. 5).

Duarte (2004) se refere a Elias como “o último romântico” (Duarte, 2004, p. 16), muito devido a sua criação em Breslau na Alemanha, no seio de uma família judaica e abastada. Logo após seus estudos secundários, lutou na primeira guerra, e em seguida decidiu fazer medicina, o que não concluiu, uma vez que ingressou no curso de filosofia.

A crise do pós-guerra na Alemanha interrompe seus estudos sobre o tema; e, em Heidelberg, estabelece-se na sociologia, frequentando os círculos de Marianne e Alfred Weber (Garrigou, 2010). Por último, antes de partir da Alemanha, Elias muda-se para Frankfurt, onde se torna assistente de Karl Mannheim. Porém, com a ascensão dos nazistas ao poder em 1933, Elias, de origem judaica, é forçado para fora da Alemanha. Após sua partida de seu país natal, ainda sem cargo nas universidades, irá perambular por diversos países da Europa (Alemanha, França) até encontrar um cargo em Leicester, no Reino Unido, já com 60 anos.

Essa resumida história de Elias aponta para algumas possibilidades de se compreender alguns de seus conceitos mais importantes como “*Kultur*”. No que se refere a este, Elias demonstra que o processo civilizador alemão era passível de ser revertido, uma vez que fora permeado por descontinuidades. Estas interrupções, por sua vez, eram sinônimo de uso da força de forma menos controlada do que em lugares em que esse processo fora linear e sem suspensões sistemáticas (Garrigou, 2010; Elias, 2011).

Vale lembrar que o trabalho de Elias também demorou a ser referenciado como grande obra. Isso pois mantinha críticas fortes a Mannheim e era contra elogios tecidos às democracias liberais que marcavam a obra *The open society and its enemies*, de Karl Popper (1945) e outros intelectuais até então (Garrigou, 2010). Porém, a recepção de suas obras começou a ganhar destaque principalmente na Alemanha e na França. Na Alema-

momento em que escreveu, Elias recebia uma bolsa reduzida de uma instituição judaica no pós-1945. Seria muito ingênuo pensar que Elias, quando escreve que o processo alemão nunca foi completo, sempre parcial no que se refere ao monopólio da força em contraposição ao autocontrole rígido na França, não tenha sido movido também pelo seu próprio financiador. Para além de uma tentativa de demonstrar que a obra de Elias é movida por valores, como é toda pesquisa, esse exemplo mostra a conexão entre sua obra e sua história de vida.

nha, isso se dá a partir de 1969, quando o país começa a se interrogar sobre seu passado sob as cinzas do nazismo que não busque, necessariamente, uma fonte de teor marxista (*Ibidem*, 2010).

Outro estudo que tenta compreender Elias a partir de seus próprios conceitos é o promovido por Bernard Lacroix (2010). Este último tem como proposta oferecer outras possibilidades de compreensão de Elias, a partir de sua biografia. Um primeiro passo nessa direção, segundo o autor, é levar em consideração que Elias esteve presente em diversos universos e, por vezes, tornou-se um estrangeiro dentro desses círculos, seja realmente no exílio, ou na própria Alemanha quando partiu de Breslau, até Heidelberg, depois Frankfurt (Lacroix, 2010). Assim, a busca da sociologia de Elias insere-se, necessariamente, também numa busca de compreensão do próprio autor. “Fazer sociologia, explicar o mundo, será, doravante, para Elias, indissociavelmente explicar a si mesmo o que ele se tornou no mundo que fez” (*Ibidem*, p. 20). Sobre isso, pode-se pensar em dois exemplos que oferecem uma perspectiva mais clara do que viria a ser essa descoberta de si.

O primeiro, pensado pelo próprio Lacroix (*Ibidem*, p. 8), é sobre os anos (1939-1950) de silêncio em torno de *O processo civilizador*, anos nos quais não promoveu reedições do livro. São os anos mais lacônicos de sua vida, com a morte de sua mãe, abandono dos amigos e o sentimento amargo em relação ao exílio. Outro exemplo é *A solidão dos moribundos*, livro no qual o próprio Elias (2001) se insere diretamente no grupo analisado por ele (idosos), chegando a dar exemplos em que, no papel de idoso, ele sofreu exclusões de certas relações com seus netos (Elias, 2001, p. 54). Assim, a data do livro culmina exatamente com a velhice de Elias e promove uma forte reflexão existencial.

Ao final de *O processo civilizador* (Elias, 2011), num apêndice à edição de 1968, Elias resume brilhantemente as concepções teóricas que são listadas durante o livro. Neste breve texto, o problema levantado pelo autor é em si uma das preocupações da história de vida enquanto método: “é possível relacionar essa mudança (mudanças no controle das emoções humanas) a longo prazo nas estruturas da personalidade com mudanças a longo prazo na sociedade como um todo” (Elias, 2011, p. 208).

Para Elias, os indivíduos impõem limitações a outros ao interagirem; o processo civilizador ocorre quando essas contenções são incorporadas pelos indivíduos, o que leva a um maior autocontrole sobre as emoções e outros instintos (*Ibidem*, p. 209). Deste modo, Elias busca estabelecer uma área da sociologia que tente superar o embate entre “estrutura social” *versus* “psicologia individualista da personalidade”. Não se concebe que a psique individual possa ser estabelecida de algum modo fora da estrutura social; porém, o autor não vê uma relação de interferência direta e determinista da estrutura social sobre a personalidade individual. Portanto, tudo ocorre tal como um processo com várias continui-

dades e descontinuidades⁹.

Seguindo essa lógica, conceitos tais como ego e sistema social não seriam tão eficientes, uma vez que a ideia é entendê-los, não como conjuntos que possam ser tomados separadamente, mas como um todo no qual um é interdependente do outro. Os indivíduos se encontram em configurações-tomadas como em constante mudança por relações de tensão. Tais mudanças, em muitos casos, contudo, não visam à preservação da própria configuração, mas seu rompimento: “do mesmo modo, as tensões específicas entre grupos diferentes, geradoras de um impulso em direção a mudanças estruturais nesse *continuum* humano que o transformam numa continuidade histórica” (Elias, 2010, p. 38). Assim, mudanças das estruturas de relações correspondem também a mudanças nas formas com que a individualidade é construída. Para Elias, um dos exemplos de como psicologia individual e redes de relações se afetam é por meio das modificações entre emoções e autocontrole. A emoção é algo inerente a psicologia individual, porém o modo com que a tratamos é, fundamentalmente, social¹⁰.

Assim, transformações estruturais provocam mudanças nas estruturas mentais que, por sua vez, fornecem possibilidades concretas de modificação de comportamento. Tais modificações são provocadas pelos diversos rompimentos e tensionamentos localizados no interior das diversas configurações. A sociedade de corte, por exemplo, reunia na aristocracia e na burguesia os motores para as mudanças nas configurações; com a ascensão da burguesia ao poder, os valores e a autoimagem sobre o indivíduo passaram a ser outros. Sobre autoimagem, entende-se como a compreensão dos indivíduos acerca de si mesmos. Porém, a autoimagem não é fixa, ela pode ser modificada dependendo das configurações. Afinal, a maneira como os indivíduos compreendem a si mesmos e a outros muda ao decorrer de suas vidas.

Isso se expressa no conceito fundamental da balança nós-eu, o qual indica que a relação da identidade-eu com a identidade-nós do indivíduo não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas. (Elias, 2010, p. 9)

Exemplo: no início do século XX até 1950, a Igreja católica romana se compreendia

9 Vejamos, mesmo que brevemente, o exemplo de Mozart. Caso a estrutura social (da aristocracia na qual servia em Salzburgo) tivesse sido eficaz completamente sobre ele, o jovem Mozart não teria sido capaz de deixar prevalecer suas vontades em vários momentos, seja nos quais se ausentou para ir à Viena, seja quando recusou tocar as músicas que “alegrariam” o público.

10 O medo de morrer, para Elias, explica, em vários sentidos, o desprezo pelos moribundos, marca autêntica da sociedade atual. Isso porque ao passado, na idade média, por exemplo, a forma comum que a morte assumia, impedia que as pessoas pudessem “adiar” esse medo e perpetua ainda mais seus desejos de imortalidade (2001, p. 30).

como uma instituição a qual vivia um forte processo de introspecção, ou seja, havia pouca abertura para “leigos” (não-padres) e os que almejassem fazer parte da instituição deveriam ter um treinamento muito rigoroso (Miceli, 2009). Porém, durante a década de 1950, há uma abertura para os “leigos” promovida pela hierarquia eclesiástica já estruturada (Mainwaring, 2014). Logo, a autoimagem está intrinsecamente ligada às configurações sociais e suas modificações.

Nesse exemplo, podemos encontrar duas possibilidades de interpretação do conceito de autoimagem. A primeira delas está conectada à forma como nos vemos e entendemos; já a segunda está ligada, necessariamente, a um hábito. Elias explica da seguinte maneira: “e foi essa autoimagem, essa pretensão à liderança pelas nações industrializadas mais antigas, que sofreu um abalo na segunda metade deste século, provocando por um aumento ainda muito limitado de poder das sociedades mais pobres” (Elias, 2011, p. 222). Portanto, a autoimagem estaria ligada tanto a uma maneira de ver quanto, consequentemente, de agir, de acordo com as posições de tensão e poder dentro das diferentes configurações (Matos, 2004).

Reunimos alguns dos conceitos mais importantes na obra de Elias (configuração, autocontrole, autoimagem). Já no que se refere ao estudo sobre Mozart, o objetivo de Elias, com tal caso, é o seguinte: “tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa formava, em sua interdependência com outras figuras da época” (Elias, 1994, p. 19). Sendo assim, essa é a definição de uma biografia à *la* Elias, estudar as configurações nas quais tal indivíduo esteve presente.

Por hora, é necessário, para entender o caso de Mozart, ter em mente o período no qual os eventos estão escritos (século XVIII). Em tal época, a burguesia, grupo que ele fazia parte, estava numa posição inferior que a aristocracia; e, somado a isso, no quesito da música, ao contrário dos séculos seguintes, não havia ainda um mercado que pudesse absorver a oferta de músicos independentes (Elias, 1995). Consequentemente, Mozart teria que, forçosamente, submeter-se às regras ditadas por aqueles que contratavam músicos — as cortes da nobreza.

Nessas cortes, o músico ocupava um papel parecido com o de um artesão, um animador da corte, e, não, como alguém que deve criar arte, de acordo com suas próprias vontades. Fato é que Mozart nunca se deixou tolher pelos valores da aristocracia no que se refere a sua posição enquanto músico, uma vez que tais valores da nobreza estavam em contraposição com os de sua própria classe.

Embora tivesse crescido à margem de uma pequena corte e mais tarde tivesse viajado de uma corte para outra, jamais adquiriu a polidez especial do cortesão; nunca se tornou um homem do mundo, um *homme du monde*, um cavalheiro, no sentido que tinha

esse termo no século XVIII. A despeito dos esforços do pai, manteve por toda a vida a caracterização de um burguês de classe média. (Elias, 1995, p. 23)

A autoimagem que os aristocratas projetavam sobre Mozart entrava em choque com a autoimagem que ele projetava sobre si mesmo. A relação de *outsider-establishment* desenvolvida por ele e a aristocracia europeia levava a uma revolta pessoal do músico, muito em consideração a seus próprios feitos extraordinários (Elias, 1995, p. 39) O episódio em que Mozart rompe com o arcebispo de Salzburgo demonstra diretamente essa revolta pessoal que perpassa toda sua vida. A ideia de autonomia também é importante para compreender os desafios de Mozart, em sua “turnê” pela Europa. Isto porque ele tentou viver da sua própria música sem estar ligado essencialmente a nenhuma corte. No início, obteve relativo sucesso, porém, como mencionado anteriormente, não havia espaço para que esse tipo de composição fosse comprado tão facilmente (Elias, 1995).

Conceitos e exploração

Para além de reconstituir a trajetória de Mozart, Elias promove uma reflexão apurada sobre a formação da individualidade do músico. A forma com que Elias escolhe contar a história de vida de Mozart é útil, em termos sociológicos, uma vez que ele nos oferece uma possibilidade de explorar a figura individual por meio das relações sociais construídas ao longo de sua trajetória. Portanto, a rede de relações de interdependência (configurações ou figurações) na qual uma pessoa se insere é uma das chaves de compreensão de sua biografia. Sobre este aspecto, em sua obra *O espaço biográfico*, Leonor Arfuch (2010), em sua discussão sobre o espaço íntimo do Eu, retoma Elias para pensar que “a ideia de antagonismo entre a esfera íntima e a pública/social não é nada além de um efeito de discurso: regras, restrições, dispositivos de poder e controle de reações” (Arfuch, 2010, p. 94).

Contudo, ainda segundo Arfuch, estes processos de constituição da individualidade não são lineares. De acordo com a autora, “já Elias considerara a não linearidade dos processos, seus *décalages*, hiatos, regressões, inclusive os afrouxamentos da norma e sobretudo, seu constante dinamismo” (*Ibidem*, p. 94). Em outras palavras, quando consideramos a biografia individual, devemos estar cientes de que modificações nas configurações levam necessariamente a transformações na forma conceber a individualidade. Elias, por exemplo, percebeu tal mudança quando elaborou a biografia de Mozart, uma vez que ele destacou a relação entre o acirramento do conflito entre burguesia e aristocracia e as mudanças concretas na vida

Destarte, se retornamos ao conceito de história de vida anteriormente apresentado – um trabalho conjunto entre pesquisador e pesquisado –, a tarefa do pesquisador seria

reconstruir estas configurações a partir das quais aquela biografia é construída, ou seja, usando os termos de Arfuch, como este espaço íntimo é relacionável com o espaço social. Ademais, é preciso estar ciente das modificações possíveis no espaço público e suas consequências no espaço privado

Para além do modo de refletir sobre a produção da individualidade, Elias nos oferece também um conceito de grande importância para pensar a biografia e a história de vida: a autoimagem. Este conceito nos provoca a explorar quais são as reflexões sociais que os sujeitos sociais carregam de certos eventos e até mesmo como tais sujeitos enxergam seu papel dentro das teias de relações em que se encontram. Embora os exemplos (sobre a autoimagem da igreja católica romana e sobre Mozart a partir de Norbert Elias) tratados ao longo do texto não tenham sido frutos de pesquisas de fonte oral, outros autores usam da autoimagem para compreender seu funcionamento na narrativa biográfica.

Novamente recorremos a Arfuch, em seu trabalho sobre imigrantes italianos na Argentina (2010, p. 277). Nesta pesquisa, a autora se aprofunda em determinadas imagens que são recorrentes nas narrativas produzidas durante as entrevistas. Assim, a autora se debruça sobre as relações sociais que tais imigrantes tiveram e quais os efeitos dessas para criação de uma estrutura narrativa, ou seja, de uma maneira de conceber eventos e papéis a partir da posição de migrante e das relações entre os dois países que estrutura as narrativas. Portanto, a autoimagem (isto é, as estruturas mentais para compreensão do mundo e de si mesmo) também pode ser compreendida a partir da narrativa oferecida pelos entrevistados. O quadro I resume algumas conclusões a que chegamos depois de nossa análise de como Elias pode nos ajudar com a história oral.

Quadro 1: A história de vida por meio de Elias.

A história de vida por meio de Elias
Objetivo: modelo verificável da configuração que uma pessoa formava em sua interdependência com as outras pessoas
Modo de fazer: entrevistas, com auxílio de cartas e documentação.
Pressupostos: (a) busca da autoimagem, ou seja, a busca pela balança eu-nós formada naquela configuração, (b) não há separação de mundos “externos” e “internos”.

Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Vimos, em sentido amplo, a forma com que a sociologia eliasiana pode nos ajudar com a história de vida. De modo geral, entende-se que a escolha da teoria e a forma com que selecionamos a abordagem depende também do objeto que é pesquisado. Contudo,

embora outras abordagens sejam possíveis, como a de Montanger (2007), a maneira com que o indivíduo concebe a si mesmo e seu papel no mundo é central para a compreensão das narrativas que os indivíduos oferecem. A autoimagem representa algo que, para nós, pode servir de grande importância na hora de analisar os resultados de uma pesquisa empírica.

Para além disso, vimos que o pesquisador deve estar atento às teias de interdependência nas quais os sujeitos sociais se encontram de modo que possa se compreender quais são as formas sociais de produção da individualidade. A história oral, mais especificamente a história de vida, combinada com os conceitos oferecidos por Norbert Elias, pode ser de grande ajuda para superar dilemas clássicos da sociologia como a separação entre público/privado e indivíduos/sociedades.

Recebido em 06 de abril de 2019.

Aprovado para publicação em 10 de janeiro de 2021.

Referências

ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs).

História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 72, n. 69, p.183-191, jun. 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CARR, Edward Hallet. **O que é história?** São Paulo: Paz e Terra, 1961.

COURY, Guilherme. Nobert Elias e a construção de grupos sociais. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Barnard (Org.). **Nobert Elias: A política e a história.** São Paulo: Pers-

pectivas, 2010. p. 123-145.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Nobert. **Mozart**: A sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Nobert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GARRIGOU, Alan; LACROIX, Bernard (Org.). **Nobert Elias**: A política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos**: Revista de Antropologia, Curitiba, v. 1, n. 12, p. 9-29, jan. 2011.

GUTIERREZ, Alicia B.. El sociólogo y el historiador: el rol del intelectual en la propuesta bourdieusiana. **Estud. Sociol.**, México, v. 34, n. 102, p. 477-502, dez. 2016.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LEWIS, David. Using life histories in social policy research: the case of third sector/public sector boundary crossing. **Journal of Social Policy**, v. 37, n. 4, p. 559-578, 2008.

MATOS, Tereza Cristina Furtado. Notas sobre o conflito e a auto-imagem em Norbert Elias. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 20, p.229-245, abr. 2004.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p.240-264, jan. 2007.

NAUJORKS, Carlos José. **Processo identitário e engajamento**: um estudo a partir do movimento de saúde do trabalhador no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.136-152, mar. 2016.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um victoriano nos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas Reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, n. 3, p. 117-27, jan. 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

RIGOTTO, Raquel Maria. As Técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.116-130, jan. 1998.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: Revisão e perspectivas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 2, n. 14, p. 359-382, maio 2014.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 1, n. 14, p.25-37, jan. 2011.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, jun. 2003.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past**: oral history. Oxford: Oxford University Press,

2000.

VANDENBERGHE, Frédéric. “The real is relational”: an epistemological analysis of Pierre Bourdieu’s generative structuralism. **Sociological Theory**, v. 17, n. 1, p. 32-67, Mar. 1999.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.